

As escolas de samba e a cidade de Manaus (AM): construindo uma proposta de pesquisa etnográfica



*Ricardo José Barbieri**

Resumo

Tomando o desfile das escolas de samba como ponto de partida, o artigo constrói uma proposta para a pesquisa dessa manifestação na cidade de Manaus. O que justifica tal intento é a centralidade dessa forma de manifestação dentro do contexto da cidade. Apoiada em diversas etnografias urbanas e na importância delas, as particularidades das escolas de samba de Manaus justificam o interesse em seu estudo.

Palavras-chave: escolas de samba; cidade; sociabilidade.

Abstract

Taking the parade of samba schools as a starting point, the article constructs a proposal for research that demonstration in the city of Manaus. What justifies this endeavor is the centrality of this form of expression within the context of the city. Backed by many urban ethnographies and their importance, the specifics of the samba schools of Manaus have an interest in their study.

Keywords: samba schools; city; sociability.

* Doutorando em Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRI). E-mail: ricardojbarbieri@gmail.com



O desfile das escolas de samba no contexto da cidade do Rio de Janeiro para o Brasil

O desfile é o desfecho de um ciclo anual onde os participantes e torcedores se misturam e celebram o momento de cada agremiação na “avenida”, na apresentação para o grande público. Cada desfile é, então, o apogeu de um ciclo anual em que a “rede de relações sociais trançada ao longo do ano atinge o seu grau máximo de expansão” (CAVALCANTI, 2006: 233). E o desfile é também uma competição, um espaço de trocas agonísticas (MAUSS, 2001), onde, como mostrou Cavalcanti (2006), as escolas a um só tempo rivalizam e confraternizam. É essa capacidade de expandir a rede de relações sociais, trançada ao longo de cada ano, que nos leva, enfim, a entender de que forma os desfiles absorvem e irradiam os conflitos e as transformações pelos quais passa a cidade que os abriga. Como diversos trabalhos vêm demonstrando, as escolas de samba expandiram-se no século 20 entre várias cidades brasileiras como em São Paulo (BRITTO, 1986; SIMSON, 2007); São Luís (ARAÚJO, 2001); Manaus (SALLES, 2009) e Recife (MENEZES, 2010); e permanecem ativas em muitas delas retomando os exemplos de São Paulo (BLASS, 2007); São Luís (ARAÚJO, 2001); Porto Alegre (GUTERRES, 1996); Manaus (SALLES, 2009) e Recife (MENEZES, 2010); além de acrescentarmos os exemplos de Belém e Teresina (ARAÚJO, 2008); e Vitória (MONTEIRO, 2010). E tal fato denota a importância das escolas de samba para os estudos de antropologia urbana. Sua existência na cidade de Manaus, a cidade a ser enfocada nesta pesquisa, suscita novas questões com a entrada de novos agentes na estrutura competitiva das escolas de samba e sua expansão e desdobramento por diversas cidades em diferentes festas no Estado do Amazonas.

Ao tomarmos a estrutura ritual-competitiva das escolas de samba do Rio de Janeiro como objeto de reflexão, percebemos como ela propicia a circulação dos atores sociais que compõem esse universo por entre uma complexa rede social cheia de alianças arraigadas e intrincadas. Mais ainda, essa moldura ritual abre espaço tanto para o indivíduo como para o grupo carnavalesco no contexto da cidade, pois a festa tem papel fundamental na definição de suas trajetórias, projetos e identidades diante da cidade (VELHO, 2003). A ascensão dentro da hierarquia carnavalesca, ou a “subida” de grupo, é valorizada dentro de um projeto de sucesso, onde as menores escolas devem



ao menos alcançar o Grupo Especial, a divisão de elite do carnaval carioca. Assim, uma escola que hoje ocupa um dos grupos menores é lembrada por sua passagem pelo Grupo Especial. A dificuldade em se manter no Grupo Especial, no entanto, valoriza ainda mais ao topo da hierarquia competitiva especialmente por suas perspectivas de ampliação da representação frente à cidade. Esse é o grande objetivo almejado de toda agremiação carnavalesca: tornar-se uma escola do Grupo Especial. As diferentes condições que cada escola tem nos diferentes grupos envolvem questões de sociabilidade e conflito que ultrapassam o campo festivo e transbordam nas relações cotidianas dos sambistas e sua forma de enxergar a cidade. Pode enxergar essa forma de sociabilidade festiva mobilizando uma região da cidade durante o ano todo por meio da circulação, associação e competição entre três escolas de samba na Ilha do Governador. Para tanto, tomei como foco a menor delas, o Acadêmicos do Dendê (BARBIERI, 2010). Nessa pesquisa constatei que ser membro de uma pequena escola oferece assim desvantagens estruturais evidenciadas pela etnografia da hierarquia competitiva. A posição que esse membro ocupa em uma pequena escola, por exemplo, pode ser relativizada e ser relevante dependendo dos interesses em jogo. Mediadores desempenham papel importantíssimo também na circulação entre as diferentes posições hierárquicas assumidas pelas escolas na sua trajetória. Junto da valorizada representação dos grupos vem a valorização dos componentes dele que, por meio dessa, ampliam a possibilidade de serem vistos e reconhecidos por sua “trajetória” no “mundo do samba”. Assim, penso nas escolas de samba pelo Brasil referenciadas pelas escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro; portanto, moldaram de forma representativa essas relações.

As escolas de samba em Manaus

Pesquisar escolas de samba na cidade de Manaus nos permite transitar por meios específicos de expressão da sociedade manauara. Temos aqui a oportunidade de investigarmos a cidade em sua plenitude por intermédio das formas de perpetuação de suas festas e as múltiplas participações e múltiplos planos de representação durante o ano. Manaus é um espaço interessante de estudos por deter hoje a maior passarela do samba do Brasil, com capacidade para mais de cem mil pessoas. Não bastasse um espaço admirável para que as



escolas de samba da cidade desfilam, a capacidade quase completa de público é ocupada no sábado quando desfilam as grandes escolas.

Na cidade de Manaus as escolas de samba encontraram um terreno fértil de expansão e predileção entre as festas populares. Em completo inventário sobre a história do carnaval de Manaus focando nas escolas de samba – *É tempo de sambar: História do carnaval de Manaus com ênfase às escolas de samba* (2009) – o historiador Daniel Salles traça esse crescimento ano a ano até que o desfile de escolas de samba da cidade chega a ser posto inclusive como o “terceiro maior desfile de escolas de samba do Brasil” (SALLES, 2009), perdendo apenas para os desfiles do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse período que remonta o início da década de 90, Manaus já possuía um espaço de desfile fixo, enquanto que em São Paulo os desfiles ainda aconteciam na passarela improvisada e montada na avenida Tiradentes. Um calendário repleto de festas e a comunicação entre os que constroem estas completam o cenário relevante para uma pesquisa etnográfica.

A história das escolas de samba de Manaus remonta a meados da década de 40 quando foi fundada a Escola de Samba Mixta no bairro da Praça 14. Desse fato até os dias atuais o crescimento e expansão das escolas na cidade são verificados não apenas pelo crescente número de escolas e seus componentes, como também por sua influência em diversos bairros e no rico cenário de festas de Manaus. Os desfiles em Manaus já percorreram alguns locais que o credenciam com destaque na cidade como a avenida Eduardo Ribeiro, a Djalma Batista até chegar em 1992 ao Sambódromo. Essa construção denota a importância das escolas de samba da cidade de Manaus até mesmo no contexto nacional, como foi citado anteriormente. Mesmo com a reforma do sambódromo carioca, o sambódromo de Manaus permanecerá o maior em capacidade de público comportando mais de 100.000 pessoas. Chegou até mesmo a ser transmitido em rede nacional pela extinta TV Manchete no ano de 1994.

Esse município de 1.646.602 habitantes, segundo dados de 2006 do IBGE, divide-se em 58 bairros. Atualmente o carnaval das escolas de samba encontra lugar de destaque nas festas dessa cidade dividindo o mesmo mês com o Carnaboi, o Festival de Ópera em abril e maio; o Arraial da Cidade também em maio, o Festival Folclórico do Amazonas em junho; o Boi Manaus em outubro e o Amazonas Film Festival em novembro (SILVA, 2009).



Muitas das vezes essa expansão inclui a participação em outras festas como o Boi-Bumbá de Manaus, as Cirandas e quadrilhas que se organizam nos festivais folclóricos espalhados pela cidade nos meses de junho e julho. Recorro à pesquisa de Alvatir Silva (2009) sobre o festival folclórico de Manaus e a organização dos grupos que aí participam em suas estreitas relações com as escolas de samba:

Nota-se que o [boi-bumbá] Brillhante tem relação de parceria com as escolas de samba da Zona Leste (A Grande Família e Mocidade do Coroado), pois em 2007 usou o barracão dessas escolas para confeccionar suas alegorias e indumentárias. Não é difícil imaginar que o grupo folclórico esteja estreitando relações com a escola de samba Unidos da Alvorada, cujas cores são azul e branco, coincidentemente as mesmas do Brillhante (SILVA, 2009: 67).

Conclusão: Como fazer a pesquisa?

A complexidade de tais grupos evidenciada pela complexidade da própria cidade não apenas justificam um estudo nos termos aqui apresentados como nos obriga a limitar nossos pontos de contato em posições específicas. Para tanto, será necessário tomar como ponto de partida a preparação de um carnaval, em uma agremiação especificamente. A metodologia que inclui um estudo comparativo com os demais grupos foi utilizada com bastante sucesso em diversos estudos sobre as escolas de samba (CAVALCANTI, 2006; LEOPOLDI, 2010; GOLDWASSER, 1975). A questão da rivalidade que chega a dividir as arquibancadas do sambódromo em diferentes escolas, onde cada uma tem um espaço específico entra aqui como um fator peculiar que merece ser analisado e justifica concentrarmos a etnografia em apenas uma agremiação.

Assim, respeitando tais premissas e no intuito de contemplar os objetivos expostos, a pesquisa lança mão das estratégias metodológicas clássicas da Antropologia: a observação participante e entrevistas semiestruturadas. Seguindo a perspectiva de uma observação etnográfica de perto e de dentro (MAGNANI, 2002; VELHO, 1978; DAMATTA, 1974), que leva em consideração os atores sociais envolvidos e significado por eles atribuídos

aos processos sociais que vivenciam, procurarei verificar como a rede das escolas de samba em Manaus efetua transações internas que movimentam e afetam a metrópole como um todo. Para tanto, não descarto a participação em eventos no sentido de uma observação participante, método que muitas vezes se apresenta bastante profícuo, especialmente quando realizado na metrópole (FOOTE-WHYTE, 2005).

A experiência da observação participante foi tão frutífera que me apresentou o universo rico das escolas de samba, não apenas durante a graduação por meio do acompanhamento da ocupação dos barracões da “Cidade do samba” pelas escolas cariocas, mas também a importância das relações sociais de componentes de uma pequena escola de samba dentro do contexto cultural e político da cidade do Rio de Janeiro. Foi fundamental durante a pesquisa realizada no Festival Folclórico de Parintins, em 2010, sobre a sociabilidade e universo simbólico dos jovens da “galera” do boi Caprichoso. Essa experiência foi fundamental para que eu conhecesse e me apaixonasse pela cidade de Manaus. Durante um dos eventos dos bois de Parintins realizados na ferradura do “Centro de Convenções de Manaus” – como é conhecida a área de dispersão, o final do desfile, do Sambódromo – que me dei conta da onipotência do complexo arquitetônico e me despertou a curiosidade para os desfiles. Finalmente, por intermédio das ligações e menções de alguns desses jovens pesquisados com as escolas de samba de Manaus, adentrei esse universo fascinante do carnaval da cidade.

Podemos partir do ponto em que outros trabalhos na antropologia tentam analisar as escolas de samba pelo Brasil, sob o prisma das escolas cariocas, como é o caso de Leopoldi: “(...) as escolas de samba apresentam, não só o mesmo padrão de exibição pública como também tendência para o estabelecimento de um modelo semelhante de organização interna (...)” (LEOPOLDI, 2010: 78). Dado o intercâmbio constante entre os componentes das escolas de samba, inclusive com seus múltiplos pertencimentos em escolas dos mais diversos grupos e das mais diversas cidades, seria possível constatar a homogeneização da organização e das formas de apresentação dessas escolas de samba espalhadas pelo Brasil? Outros estudos específicos sobre essas escolas nos apresentam diferentes visões, conflitos e problemas que ressaltam a singularidade das escolas de samba como forma de expressão carnavalesca nessas cidades, diferenciadas inclusive das escolas de samba cariocas. Seria



interessante, portanto, verificar como o contexto altera o significado pela questão suscitada.

Bastante frutífero torna-se o intento de adentrar o campo nesse contexto associando ainda a análise das redes de relações sociais desenvolvidas pelos participantes de um grupo carnavalesco, como as escolas de samba. Tal intento que se mostrou interessante em diversas ocasiões na Antropologia permite o deslocamento e associação de questões vivas e latentes da vida na metrópole, bem como os dilemas mais viscerais do processo de construção e dinâmica da festa carnavalesca.

Salta aqui aos nossos olhos uma importante questão para tomarmos a partir do arcabouço conflitivo de uma escola de samba em Manaus: Qual a concepção de política no contexto de uma festa popular? Um dos enfoques mais interessantes nesse sentido e relacionado diretamente ao assunto é o da antropóloga Alba Zaluar em seu artigo “Carnaval e clientelismo político” (1985). Nele, a autora trata do tema das relações políticas por meio das estabelecidas entre políticos e uma agremiação carnavalesca em uma localidade “pobre” do Rio de Janeiro.

As relações necessárias para a intermediação concentram-se nos dirigentes que direcionam as necessidades da agremiação para essas relações. Logo, esses indivíduos “mediadores”, que apelam aos candidatos e ocupantes de cargos por materiais e interesses da agremiação, podem ser enxergados em uma perspectiva de aquisição de poder político. Esse papel é reservado e evitado como um campo de conflito iminente, sendo assim a “política, isto é, a competição pelo poder e pelo mando” (ZALUAR, 1985: 37).

Assim, política, no contexto de uma escola de samba, estaria associada “à fofoca, à violação de regras, à reciprocidade desfeita e se opõe à união, ao esforço comum, à solidariedade” (ZALUAR, 1985: 37). Logo, são recorrentes as utilizações do termo “política” para designar assuntos delicados que podem levar a sérias cisões no grupo, ou fora dele.

Aqui ressaltamos os aspectos trabalhados pela política como fruto de uma rede de pessoas “que interagem e se influenciam reciprocamente por relações complexas e dinâmicas” (KUSCHNIR, 2007: 9). Temos também um aspecto da cidade, ressaltado por essa relação (MORAES, 1983).

Para Simmel, a forma da sociedade humana é potencialmente organizada; parte de um complexo de indivíduos socializados (SIMMEL, 2006). A forma

de organização que nos permite entender a sociedade é apreendida pelo conceito de sociabilidade, visto como:

um tipo ideal entendido como o social puro, forma lúdica (SIMMEL, 2006), arquetípica de toda a socialização humana, sem quaisquer propósitos, interesses ou objetivos que a interação em si mesma, vivida em espécies de jogos, nos quais uma das regras implícitas seria atuar como se todos fossem iguais (FRUGOLI JR., 2007: 9).

São, portanto, aspectos fundamentais da sociabilidade em uma agremiação carnavalesca, que aqui ressaltamos. O caráter lúdico das relações aqui apreciadas, tal qual a encenação de um drama e o envolvimento em um ciclo que desemboca em um “jogo”, onde esse caráter relacional é encenado, leva-nos à “política” aqui descrita como drama social. Em outras palavras, a sociabilidade interna dos grupos dirigentes dessas escolas é motivada pela “política” e é vivida por uma sucessão de dramas sociais (TURNER, 1996), conectados uns aos outros e reelaborados por meio das posições alcançadas dentro do quadro organizacional da agremiação e da inserção das pessoas dentro da competição carnavalesca. Cada desfile emerge, desse modo, como um ponto que estabiliza ou desestabiliza redes de relações sociais construídas e redefinidas num processo temporal mais amplo. Um jogo de políticas relacionais em que as pessoas com seu prestígio transformam-se em coisas. Pois um bom dirigente vale mais, e, sobretudo, por sua capacidade em articular redes de relações que mobilizam trocas de materiais que permitam a montagem de um bom desfile.

Um ponto de partida interessante a ser tomado no estudo das escolas de samba manauaras segue o espectro dos estudos que relacionam esses grupos a bairros. Dessa forma, relacionamos duas dimensões vitais nos estudos das festas na cidade. O estudo da metrópole, principalmente em seus aspectos simbólicos, passa usualmente pelo estudo de dimensões geograficamente reduzidas de seu território. Um exemplo é o estudo de Graça Cordeiro e Antônio Costa sobre a festa anual dos santos populares em Portugal: “Bairros: contexto e intersecção”. Nesse caso, trata-se de uma festa onde a esfera pública financia em parceria com associações locais os “arraiais” que enfeitam as ruas de um bairro e as “marchas populares” que concorrem entre si num desfile



ritualizado. Dessa forma se consolida uma imagem de cidade polarizada em torno de “pequenos núcleos vivenciais, olhados habitualmente como microcosmos residuais de vida comunitária” (CORDEIRO & COSTA, 1999: 58). Trata-se, portanto, de uma forma de celebração bem parecida com a das escolas de samba no que diz respeito à forma de financiamento e à parceria firmada para sua organização. Prosseguindo, vemos como as semelhanças nos levam a vislumbrar na análise de sua relação com esses chamados “microcosmos residuais da vida comunitária” um caminho a ser seguido. Os bairros populares são apontados no mesmo artigo como “representações que integram a própria realidade social da cidade, que os instituiu como um de seus bens patrimoniais mais preciosos” (CORDEIRO & COSTA, 1999: 59). No caso dos bairros populares de Lisboa, estes surgem como lugares reais e imaginados, onde a ação ou a dominação simbólica se apresentam de forma paradoxal no processo de construção identitária (CORDEIRO & COSTA, 1999: 62).

Outra forma interessante para investigar a relação da escola e de seus integrantes com o bairro é pela categoria “pedaço” já utilizada por José Guilherme Magnani em *Festa no pedaço* (2003). Nesse livro, Magnani trabalha com o conceito de “pedaço” como parte de uma família de categorias terminológicas que inclui ainda “mancha”, “circuito”, “trajeto” e “pórtico” (MAGNANI, 2002). O objeto da pesquisa em questão era principalmente o lazer na periferia de São Paulo com foco no circo como forma de expressão da cultura popular atraente no contexto dos bairros de periferia. A entrada e circulação dos circos pelos bairros envolviam um contexto de negociação e movimentação entre diferentes redes de relações que tinham uma determinada ordem e estavam sujeitos a um determinado controle social baseado na oposição “vizinhança/fora da vizinhança”. O pedaço era um espaço “intermediário entre o privado e o público onde se desenvolve uma sociabilidade básica mais ampla que a dos laços familiares” (MAGNANI, 1998: 116). Além desse as escolas de samba articulam por meio de suas redes de relações sociais (BOTT, 1976) um “circuito” que se estende muito além da própria construção dos desfiles das escolas de samba.

Recuperaremos aqui o principal impulso no desenvolvimento do conceito de rede, que veio do estudo das relações entre famílias, realizado por Elizabeth Bott. Inspirada no conceito de Barnes, ela desenvolveu tipificações

que caracterizam os diversos tipos de rede, tomando os estudos com as famílias como parâmetro. Por meio da amostragem de vinte famílias inglesas, ela dividiu a rede de relacionamentos dos casais em *redes de malha estreita e redes de malha frouxa* (BOTI, 1976). Nos casos mais próximos, como nos casos de múltiplo pertencimento, observamos redes de malha estreita, onde o entrelaçamento de seus membros é mais efetivo e visível.

As redes de relações sociais encetadas pela “fofoca”, objeto de estudo de reflexões sociológicas significativas (ELIAS & SCOTSON, 2000), exercem aqui protagonismo interessante. Muito comum durante as pesquisas por mim realizadas com as escolas de samba que após os eventos, durante as visitas ao barracão, e mesmo em encontros pelas ruas da cidade com os componentes destas, comentarem comigo sobre a escola ou o adversário.

E assim Simmel (1996) assinala, em *A metrópole e a vida mental*, as especificidades da vida metropolitana no que tange à fragmentação extremada e os diferentes papéis e domínios, que dão contornos particulares à vida psicológica individual. Assim, por um jogo tenso entre subjetividades e objetividades, indivíduo e sociedade se constroem mutuamente. Posto isso, frisa a heterogeneidade das interações sociais e a diversidade nelas produzida.

A importância do desfile das escolas de samba como um processo ritual foi bem observado por Maria Laura Cavalcanti (2006), que retomou a tradição antropológica dos estudos de ritual desenvolvidos por Turner (1974) e DaMatta (1973). A competição festiva caracterizaria o desfile das escolas de samba na festa carnavalesca. O desfile emerge como resultado de todo o ciclo anual de sua preparação, configurando um tempo próprio chamado pela autora de “ano carnavalesco” (CAVALCANTI, 2006: 39). Assim, um ciclo se renova após o outro, ritualisticamente, e quem vive e participa de todo o ciclo no restante do ano desenvolve uma noção de temporalidade própria, bastante particular, como declara um de seus interlocutores: “o nosso ano, de quem trabalha com carnaval, é sempre um além” (CAVALCANTI, 2006: 48). E o desfile é também uma competição, um espaço de trocas agonísticas (MAUSS, 2001), onde, como mostrou Cavalcanti (2006), as escolas a um só tempo rivalizam e confraternizam. É essa capacidade de expandir a rede de relações sociais, trançada ao longo de cada ano, que nos leva, enfim, a entender de que forma os desfiles absorvem e irradiam os conflitos e as transformações pelos quais passa a cidade que os abriga. Esse aspecto denota a importância



das escolas de samba para estudos de antropologia urbana na cidade e inspira a realização deste trabalho. Pretendemos mostrar como a rede de relações sociais desenvolvida por seus componentes articula-se com as demais escolas na cidade.

Foram esses fatores que me instigaram por sua riqueza a esse universo um tanto oculto para muitos sambistas e pesquisadores pelo Brasil, que é o mundo do samba em Manaus. Por meio de pesquisa reveladora, Hugo Menezes mostra como o universo das escolas de samba permanece latente no Recife a despeito da marginalização que é posto pelo poder público em detrimento de formas patrimonializadas de standardização da cultura pernambucana como o frevo e o maracatu (MENEZES, 2010). Seria interessante observar, portanto, esse “mundo do samba” em Manaus, pois mesmo com essa potência mobilizadora já citada, ele não se enquadra em nenhum processo de emblematização da cultura regional como acontece com o boi de Parintins nos estudos contemporâneos. E esse será o desafio na pesquisa em estágio inicial nesse momento.

Referências

ARAÚJO, Eugênio. *Não deixa o samba morrer*: um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís: Edições UFMA / Prexae/DAC, 2001.

_____. *Valorizando a batucada*: um estudo sobre as escolas de samba dos Grupos de Acesso C, D e E do Rio de Janeiro. São Luís: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Artes Visuais da Escola de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

BARBIERI, Ricardo José. *Conflito e Sociabilidade em uma pequena escola de samba*: o Acadêmicos do Dendê da Ilha do Governador. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

BLASS, Leila. *Desfile na avenida, trabalho na escola de samba*: a dupla face do carnaval. São Paulo: Ed. Anablumme, 2007.



BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976.

BRITTO, Iêda Marques de. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH / USP, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O Trabalho do Antropólogo*. São Paulo: Unesp, 2000.

CAVALCANTI, Maria. Laura. *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. *Rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

_____. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert.& SCOTSON, J. *Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2000.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

_____. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

FRUGOLI JR., Heitor. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

FOOTE-WHYTHE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

GOLDWASSER, Maria Júlia. *O palácio do Samba: estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1975.

GONÇALVES, Renata Sá. *Os Ranchos pedem passagem: O carnaval no Rio de Janeiro do começo do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de

Cultura / Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2007.

GUTERRES, Liliane S. “*Sou Imperador até morrer*” – *Um estudo sobre identidade, tempo e sociabilidade em uma escola de samba de Porto Alegre*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

ÍNDIAS, Graça. C., & COSTA, Antônio. F. Bairros: Contexto e Intersecção. In: G. VELHO. *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e Portugal* (p. 58-79). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

KUSCHNIR, Karina., & VELHO, Gilberto. *Mediação, Cultura e Política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

_____. *Antropologia da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escolas de samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

MAGGIE, Yvonne. *Guerra de Orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MAGNANI, José. Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002.

_____. *Festa no pedaço*. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. & MANTESE, B. *Jovens na Metrópole: etnografias dos circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

_____. & TORRES, L. D. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: USP, 1996.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MENEZES, Hugo. Tem samba na terra do frevo! A batalha frevo x samba no carnaval multicultural do Recife. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*. Rio de Janeiro, v. 7, n.º 2, p. 45-59, nov., 2010.

MONTEIRO, Lucas. *Carnaval capixaba: Histórias, honras e Glórias*. Serra: Ed. do Autor, 2010.

- MORAES, Evaristo. *Sociologia: Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- QUEIROZ, Maria. Isaura. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São paulo: Brasiliense, 1999.
- SALES, Daniel. *É tempo de sambar: história do carnaval de Manaus (com ênfase à escola de samba)*. Manaus: Editora Nortemania, 2008.
- SILVA, Alvatir Carolino da. *Festa dá trabalho!: as múltiplas dimensões do trabalho na organização e produção de grupos folclóricos da cidade de Manaus*. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, 2009.
- SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. A metrópole e a vida mental. In: *O Fenômeno Urbano*. Otávio Guilherme Velho (Org). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- _____. *Fundamental Problems of Sociology*. Part I. Glencoe: The Free Press, 1950.
- SIMSON, Olga. *Carnaval em branco e negro: Carnaval popular paulistano – 1914-1988*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *Schism and continuity in an african society: a study of Ndembu village life*. Washington: Berg, 1996.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ZALUAR, Alba. Carnaval e clientelismo político. *Cadernos Ceru* (p. 36-64), 1985.